

GESTÃO INTEGRADA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Humanidades, Sociedade,
Saúde e Ambiente

ORGANIZADORES

Luiz Oosterbeek
Inguelore Scheunemann
Francisca Ferreira Michelon
João Fernando Igansi Nunes

Pelotas
Rio Grande do Sul
Brasil
2022



Gestão Integrada do Patrimônio Cultural

Humanidades, Sociedade,
Saúde e Ambiente

Luiz Oosterbeek
Inguelore Scheunemann
Francisca Ferreira Michelon
João Fernando Igansi Nunes
(organizadores)

Ficha Técnica

ARKEOS – Perspetivas em Diálogo, vol. 52

Propriedade: Instituto Terra e Memória

Coordenação deste volume: Luiz Oosterbeek, Inguelore Scheunemann, Francisca Ferreira Michelon, João Fernando Igansi Nunes

Título: Gestão Integrada do Patrimônio Cultural – Humanidades, Sociedade, Saúde e Ambiente

© 2020, ITM e autores

Design editorial: João Fernando Igansi Nunes e Isabela Almeida Nogueira

DEPÓSITO LEGAL: 108 463 / 97

ISSN: 0873-593X

ISBN: 978-989-53070-3-6

Tiragem: 200 exemplares e edição eletrónica

Mação, 2022

Ref^a: Oosterbeek L.; Sheunemann I.; Michelon F.F.; Nunes J.F.I. (2022). *Gestão Integrada do Patrimônio Cultural – Humanidades, Sociedade, Saúde e Ambiente*.

Mação: Instituto Terra e Memória, série ARKEOS, vol.52.

Solicitamos permuta | On prie l'échange | Exchange wanted | Tauschverkehr erwünscht | Sollicitiamo scambio

CONTACTAR:

Instituto Terra e Memória

Largo dos Combatentes, 6120-750 Mação, Portugal

itm.macao@gmail.com

www.institutoterramemoria.org

apheleiaproject.org



Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÉNCIA, TECNOLOGIA E INSSINO SUPERIOR



PROGRAMA OPERACIONAL FATORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO
DE REFERÉNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



| Sumário

Introdução

Relato de uma trajetória recente

6

*Luiz Oosterbeek; Inguelore Scheunemann; Francisca Ferreira Michelon;
João Fernando Igansi Nunes*

A distância de um ano em um ano à distância: o Polo Morro Redondo nos 12 meses de pandemia de Covid-19

12

Francisca Ferreira Michelon

Sustentabilidade e compatibilidade para visitantes e habitantes: o auxílio de uma gestão de qualidade do Patrimônio material e imaterial

44

Maurizio Quagliuolo

Sustentabilidade, Turistificação e Gestão Integrada do Património Cultural no Médio Tejo – Portugal: a investigação-ação “PRT-Património Rural e Turismo”

50

Luís Mota Figueira

Patrimônio cultural da saúde: Centros de Documentação e Memória da Saúde

70

Anny Jackeline Torres Silveira; Rita de Cássia Marques

Patrimônio Edificado da Saúde: os sanatórios e sua arquitetura

83

Renato da Gama-Rosa Costa

Patrimônio arqueológico da saúde: registros materiais móvels e imóveis dos espaços e práticas de saúde.

93

Luciana da Silva Peixoto; Fábio Vergara Cerqueira

Design e sustentabilidade <i>João Fernando Igansi Nunes</i>	118
Sustentabilidade no Design do fluxo cílico <i>Jocelise Jacques de Jacques</i>	120
Patrimônio Histórico e Sustentabilidade <i>Aguinaldo dos Santos</i>	125
Place Branding e o Patrimônio cultural: a importância da marca cidade para a sustentabilidade de um lugar <i>Antonio Roberto de Oliveira</i>	130
Identidade Regional e Gastronomia <i>Santiago Amaya-Corchouelo; Angélica Espinoza-Ortega; Ignacio López Moreno; Víctor del Arco Fernández</i>	138
# BA CAPITAL GASTRONÓMICA: turismo, comércio e consumo. Impactos da Pandemia em 2020 <i>Sidney Gonçalves Vieira; Rodolfo Bertoncello</i>	144
A ora-pro-nóbis na culinária mineira e na gastronomia da cidade de Tiradentes-Minas Gerais/Brasil. <i>Déborah Coimbra Nuñez Taschetto</i>	158
Patrimônio, turismo e saúde: Ambiente e estilo de vida – O papel da cultura e do lazer <i>Inguelore Scheunemann</i>	172
O lugar das particularidades e da cultura local no desenvolvimento turístico: Um olhar para os elementos das paisagens rurais e interioranas <i>Maxwell Ponte</i>	176

Museus de Território como espaços de proximidade da memória	185
<i>Erika M. Robrahn-González</i>	
Para a história recente da museologia social	199
<i>Mário Moutinho</i>	
Sobre os autores	208

Patrimônio arqueológico da saúde: registros materiais móveis e imóveis dos espaços e práticas de saúde.

| *Luciana da Silva Peixoto*
Fábio Vergara Cerqueira

1. Patrimônio arqueológico da saúde

 stamos usando a denominação patrimônio arqueológico da saúde para fazer referência a toda e qualquer evidência material que tenha ligação com os cuidados com a saúde, com a prevenção ou com o combate de doenças, e ainda com hábitos de higiene e cuidados de si que indiretamente contribuem com a promoção da saúde.

O patrimônio arqueológico da saúde, assim como toda e qualquer materialidade representante das atividades relacionadas ao dia a dia dos indivíduos e das sociedades, se dá a evidenciar a partir dos testemunhos imóveis – estruturas edificadas ou depósitos arqueológicos – e móveis. Os testemunhos móveis podemos dividir em dois grupos a partir de sua natureza: vestígios de entes animados e de objetos inanimados.

1.1. Testemunhos imóveis: Estruturas edificadas ou depósitos arqueológicos

No que tange os testemunhos imóveis, são de dois tipos. Primeiro, estruturas edificadas, tais como hospitais, casas de saúde, sanatórios, leprosários, manicômios, mas também poderiam entrar nesta categoria farmácias, boticas, enfim toda sorte de estabelecimento comercial ou manufatureiro, que venda ou produza medicamentos ou afins. Trata-se aqui de evidências de natureza arquitetônica, as quais podem ser objeto de intervenções e leituras arqueológicas, e podem se apresentar em cota positiva (prédios conservados, muitas vezes alvo de restaurações) ou em cota negativa (vestígios conservados sob o solo).

Quanto ao segundo tipo de estrutura fixa, falamos aqui de estruturas conservadas nos sítios arqueológicos, as chamadas lixeiras. Estas podem ser de natureza diversa. Contamos com um tipo bem específico, que são as lixeiras hospitalares, geradas por instituições de saúde, as quais possuem um volume fantástico de evidências relativas à cultura material da saúde, apesar de que estas comumente se encontrem em estado muito fragmentário. Vale ressaltar,

porém, que também lixeiras não geradas em espaços hospitalares, como lixeiras domésticas e coletivas – como é o caso do “lixão” encontrado sob a atual Praça Cel. Pedro Osório – podem conter sim um volume não desprezível de objetos relativos aos cuidados da saúde da população, como veremos logo a seguir.

1.2. Testemunhos móveis de objetos inanimados:

Trata-se aqui de artefatos, coisas, o que os museólogos classificam como objetos tridimensionais, que se subdividem em objetos relativos aos cuidados de si e os contendores de remédios.

Aqui temos toda uma gama de objetos ligados aos cuidados de si, ou seja, o viés preventivo da saúde, mas que envolve tanto a higiene quanto a cosmética, a busca da beleza. Quanto à higiene, podemos encontrar vestígios de urinóis ou de escarradeiras; quanto à beleza, frascos de perfumes, como o frasquinho antropomórfico de vidro em formato de uma dama (?), exumado na Praça Cel. Pedro Osório, em Pelotas (Figura 1). Sobre medicamentos, mesmo as lixeiras domésticas permitem trazer à luz frascos de remédios, boa parte em vidro, mas também em outros materiais, sendo comum, no séc. XIX, os recipientes feitos de louça (faiança fina), como o pote da pomadinha do Dr. Holloways, fabricada em Londres, de que falaremos adiante, que estava na lixeira escavada junto à Residência Conselheiro Maciel, em Pelotas.

Figura 1 – Frasco de perfume



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel. - Sítio Praça Coronel Pedro Osório.

1.3. Testemunhos móveis de natureza animada:

São os biofatos, nomeadamente evidências ósseas de remanescentes humanos, que são reveladoras de aspectos da saúde, tais como doenças, desgastes ósseos decorrentes de rotina de trabalho, causa mortis natural ou por violência, e mesmo epidemias.

Não trataremos desta tipologia aqui, mas há todo um rol de disciplinas que se desenvolvem, que olham particularidades distintas destas evidências. Poderíamos listar: a bioarqueologia; a antropologia forense, área que tem avançado muito, em parceria com outros profissionais, por exemplo nos estudos do passado recente das ditaduras militares do Cone Sul; arqueologia médica, como o caso das múmias egípcias submetidas a exames radiológicos e mais recentemente de tomografia; e, uma disciplina mais nova que tem trazido contribuições muito significativas, a arqueogenética. Hoje compreendemos, por meio da análise de múmias, que ocorriam surtos periódicos de malária no Egito no período pós-cheias do Nilo, sendo uma das possíveis causas da morte de Tutancâmon.

Gostaríamos de passar a um rápido apanhado de contribuições da pesquisa arqueológica brasileira para o desenvolvimento da arqueologia da saúde, sobretudo com relação às coleções de arqueologia histórica do século XIX e início do século XX. Não podemos deixar de mencionar aqui o texto “Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX”, de Tânia Andrade de Lima, de 1996, sem sombra de dúvida um texto seminal na literatura arqueológica nacional em termos de interpretação da saúde, que exerce influência sobre boa parte dos textos posteriores, que dão conta de contextos muitos variados, do Sul ao Nordeste do país. A autora identifica a permanência de certas concepções médicas herdadas da medicina humoral da Antiguidade grega, em que algumas práticas ainda se baseavam na medicina hipocrática e na medicina galênica²², e nesta perspectiva analisa a funcionalidade do excretar – tido como um regulador do equilíbrio dos humores – associado a objetos tais como as escarradeiras (Figura 2) ou ao uso do rapé, para espirrar. Ademais, do ponto de vista metodológico, este texto sinaliza como a interpretação arqueológica pode – e deve – integrar achados arqueológicos exumados em escavações, muitas vezes fragmentários, e peças de coleções museológicas não oriundas do substrato arqueológico, com exemplares muitas vezes mais integrais.

²² Galeno de Pérgamo (129-217 d.C.) foi um médico grego da corte do imperador Marco Aurélio, do séc. II d.C.

Figura 2 – Imagem ilustrativa de uma escarradeira em faiança fina com decoração policromada pintada à mão.



Fonte: ES Leiloeira – Eucília Soares. Leilão realizado em 23/03/2015.
Disponível em: <https://www.lilileiloeira.com.br/peca.asp?ID=1314951>. Acesso 02/09/21.

Dez anos após a publicação do texto da Tânia Andrade de Lima, que consideramos a primeira arqueóloga a trabalhar o tema da saúde sob a ótica da arqueologia, outros pesquisadores retomam esse tema de pesquisa, porém de forma mais específica, ou seja, o tema da saúde ou dos cuidados pessoais é abordado para dar conta da análise de coleções e interpretação de tipologias materiais em contextos arqueológicos. Nesse sentido temos em 2006 a dissertação de Zeli Terezinha Company, intitulada “Os Salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1927). Nesse trabalho a autora analisa uma coleção de frascos de remédios provenientes da escavação arqueológica realizada no sítio RS-NA-03 em 2002 na cidade de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul e, a partir deles investiga *a permanência de uma antiga teoria médica: a Teoria dos Humores, durante o período alcunhado de República Velha, ou seja, entre 1889 a 1928* (Company, 2004).

Em 2011, Company participou da equipe coordenada pelo arqueólogo Alberto Tavares que desenvolveu as pesquisas arqueológicas para a implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre. A partir desse trabalho, que resultou numa coleção significativa de fragmentos e frascos inteiros

de remédios, a autora retomou o tema sobre a saúde e a doença sob o olhar da arqueologia. Ela desenvolveu sua tese de doutorado intitulada “Procurando bem todo mundo tem pereba: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898)”, onde incluiu, além do material exumado no sítio Santa Casa de Misericórdia e Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29), outros quatro sítios históricos: Casa da Riachuelo (RS-JA-17), Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03), Paço Municipal (RS-JA-20) e Mercado Público Central (RS-JA-05).

Ainda em 2011, temos mais um trabalho voltado para a análise de frascos de medicamentos e por consequência voltado à saúde. Diego Antônio Gheeno, em sua monografia de conclusão do curso de História, “escava” um “sítio arqueológico superficial” resgatando do porão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Roca Sales/RS, uma coleção de recipientes de vidro, a maioria ainda com rótulos. Em sua pesquisa, através da análise arqueológica desses recipientes o autor identificou que a maioria era de medicamentos e por isso *“foi possível elucubrar sobre algumas práticas de saúde peculiares em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS. Nesse âmbito, destacam-se as continuidades das práticas de saúde do século XIX”* (Gheeno, 2011; Gheeno, dos Santos, & Machado, 2016).

Outra arqueóloga que aborda o tema é Naira Lorena de Oliveira Veras. Em sua dissertação de mestrado com o título “Práticas de Saúde e Modernidade na Cidade de Parnaíba, Piauí (1850 a 1930): um estudo arqueológico” a autora tenta compreender

“práticas de consumo voltadas para a saúde na cidade de Parnaíba, percebendo sua inserção no sistema capitalista, a adoção do modo burguês e o desenvolvimento de concepções modernas, calcadas no pensamento positivista, que consolidará o discurso científico dos farmacêuticos na transição para o século XX, em oposição aos curandeiros e boticários” (Veras, 2014).

O estudo de Veras é realizado sob a ótica da Arqueologia Interpretativa a partir da coleção de frascos de medicamentos da Pharmacia do Povo, atual Museu Pharmacia do Povo, localizada na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí.

Como vemos, o tema da saúde explorado a partir de coleções arqueológicas, principalmente de recipientes de vidro, teve algumas poucas, mas importantes contribuições ao longo dos últimos anos. Em contextos arqueológicos históricos é raro não resgatarmos objetos relacionados à saúde e aos cuidados de si (higiene e beleza). No entanto, esses fragmentos em raras ocasiões alavancam pesquisas focadas no tema da saúde, com raras exceções como as citadas acima.

Os sítios arqueológicos denominados “lixeiras coletivas” são bons exemplos dessa possibilidade de identificação de materiais relacionados diretamente ao tema da saúde, tanto que alguns desses sítios foram objeto das pesquisas apresentadas aqui.

Gostaríamos de destacar, como exemplo da potencialidade desses contextos arqueológicos, os trabalhos realizados nos sítios “Praça Coronel Pedro Osório” e “Residência Conselheiro Maciel – Casa 8 - em Pelotas/RS. O primeiro sítio foi alvo de três campanhas de escavação ao logo da década de 2000 (2004, 2005, 2006/2007). O segundo foi escavado em 2002, durante a realização das obras de restauro. Estes trabalhos foram realizados pela equipe do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas – LEPAARQ/ICH/UFPel – sob coordenação do arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira.

Trazemos aqui alguns exemplos da cultura material relacionada à saúde que evidenciamos nas lixeiras escavadas em Pelotas, na Praça Cel. Pedro Osório e na Residência Conselheiro Antunes Maciel, exemplos que suscitam algumas considerações.

Antes disso, é necessário esclarecer que o sítio arqueológico “Residência Conselheiro Maciel” apresentou dois contextos de deposição: o primeiro relacionado à lixeira coletiva, formada antes da construção da casa, ou seja, no mesmo período da formação da lixeira da Praça; o outro contexto é relativo à lixeira doméstica formada durante o primeiro período de uso da Casa.

A primeira consideração é que a lixeira da praça nos possibilitou conhecer uma quantidade fabulosa de vidros usados como frascos de líquidos ou óleos – e essa é por sinal uma regra geral, em se tratando vestígios arqueológicos farmacêuticos, de longe predominam os vidros, como é regra nas lixeiras hospitalares (Figura 3).

Agora, uma singularidade dessa lixeira coletiva de Pelotas é a grande quantidade de vidros muito bem conservados – o que é bem incomum em lixeiras, por serem usadas e reusadas por muito tempo, sendo remexidas com frequência.

Figura 3 - Conjunto de frascos de remédio do sítio Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Outro aspecto a se observar é o quanto esses vidros constituem um testemunho de extrema relevância para a história da indústria farmacêutica, inclusive indústria local. Podemos aqui destacar dois frascos de vidro que exemplificam a pujante produção farmacêutica pelotense entre fins do século XIX e início do século XX, com projeção nacional, tema que ainda não foi objeto de estudos históricos ou arqueológicos detalhados.

O primeiro que analisaremos é um frasco do “Peitoral Cambará” (Figura 4) encontrado na lixeira da Praça Cel. Pedro Osório. Vale observar que relatórios e artigos relacionados a sítios históricos de diferentes regiões do país informam a presença deste medicamento, que era produzido por uma indústria local, a *Souza Soares*.

Figura 4 - Frasco de “Peitoral Cambará” com a inscrição: Peitoral de Cambara. Soares. Homeopatha.



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel – Sítio Praça Coronel Pedro Osório.

O “Peitoral de Cambará” era anunciado em jornais de várias partes do país, como é o caso de um reclame de 1908, publicado no *Diário de Santos* (Fig. 5), cujo conteúdo transcrevemos a seguir (Fig. 6):

Figura 5 - Propaganda do Peitoral de Cambará veiculada no jornal em 1908.

Peitoral de Cambará
DESCOBERTA E PREPARAÇÃO DE
José Alvares de Souza Soares
(DE PELOTAS)

Esta utilissima e conhecida preparação medicinal, que se acha approvada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica, autorizada pelo Governo Geral e premiada com duas medalhas de ouro de 1.ª classe pela Academia Nacional de Paris e Jury da Exposição Brasileira Alemã, é altamente recomendado por um grande numero de medicos para a cura radical das enfermidades do peito e vias respiratorias.

O PEITORAL DE CAMBARÁ, pela sua efficacia provada em milhares de experiencias que hão surtido os mais satisfactorios e duradouros resultados, é hoje grandemente usado em todos os Estados do Brazil e em alguns dos mais paizes da America do Sul.

Vende-se, a 25\$00 o frasco, 13\$000 meia duzia e 24\$000 a duzia, em todas as boas pharmacias e drogarias.

São unicos agentes e depositarios no estado,

Lebre, Irmão & Mello
3 - RUA 15 DE NOVEMBRO - 3
S. PAULO

Fonte: Santos nos Documentos (blog), por Waldir Rueda. Disponível em: <http://santosnosdocumentos.blogspot.com/2011/03/peitoral-de-cambara-1908.html>

Figura 6 - Transcrição do texto da propaganda do Peitoral de Cambará veiculada no jornal em 1908.

<p style="text-align: center;">Peitoral de Cambará DESCOBERTA E PREPARAÇÃO DE José Álvares de Souza Soares (DE PELOTAS)</p> <p>Esta utilíssima e conhecida preparação medicinal, que se acha aprovada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica, auctorizada pelo Governo Geral e premiada com duas medalhas de ouro de 1^a classe pela Academia Nacional de Pariz e Jury da Exposição Brazileira Allemã, é altamente recomendado por um grande numero de médicos para a cura radical das enfermidades do peito e vias respiratórias.</p> <p>O PEITORAL DE CAMBARÁ, pela sua eficácia provada em milhares de experiências que hão surtido os mais satisfactorios e duradouros resultados, é hoje grandemente usado em todos os Estados do Brazil e em alguns dos mais paizes da América do Sul.</p> <p>Vende-se, a 2\$500 o frasco, 13\$000 meia dúzia e 24\$000 a dúzia, em todas as boas pharmacias e drogarias.</p> <p>São únicos agentes e depositantes no estado.</p> <p style="text-align: center;">Lebre, Irmão & Mello 3- Rua 15 de NOVEMBRO-3 S. PAULO</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

O reclame no jornal paulista evidencia a credibilidade nacional desta indústria farmacêutica pelotense, também com boa circulação no continente da América do Sul, e com premiações internacionais que testemunham sua eficácia.

O segundo exemplo de remédio comercializado em frasco de vidro é o *Peitoral Angico Pelotense* (Figura 7), que se orgulhava de ser o “xarope mais usado nos lares do Brasil” para combater “imediatamente resfriados, gripes, rouquidão, asma, bronquite e as tosse mais rebeldes”. Era fabricado também em Pelotas, na “Drogaria e Farmácia de Eduardo C. Sequeira”, que iniciou a produção do remédio em 1870. Outrora foi exportado e atingiu a marca de cerca de 30.000 vidros anuais. A farmácia localizava-se na rua Andrade Neves, entre Floriano e Lobo da Costa. A neta Vera Vilas Bôas testemunha que o nome mudou para “Drogaria Umicum”, em uma postagem do Facebook de 2017²³, na qual lemos também vários depoimentos de pessoas que ainda na infância usaram o medicamento, fabricado até aproximadamente 1970, e que relatam bons resultados.

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetoceama/posts/1406755666079365/> Acesso em: 3 nov. 2021.

Figura 7 - Frasco de “Peitoral Angico Pelotense” com a inscrição: Pelotas.



Fonte: Página do Projeto CEAMA - O Centro de Educação Ambiental da Mata Atlântica (CEAMA), Facebook, publicado em 29 de junho de 2017.

A propaganda vinculada ao remédio na época (Fig. 8) dizia: “*Para a tosse e suas funestas consequencias, uzar sómente Peitoral de Angico Pelotense. É tiro e queda. Deposito: Laboratorio Peitoral de Angico Pelotense. Pelotas*” (Jornal do Comércio, 1957²⁴).

Figura 8 - Propaganda do Peitoral de Angico Pelotense veiculada no Jornal do Comércio em 24 de julho de 1957, p. 20



Fonte: http://memoria.bn.br/pdf/170054/peri170054_1957_10453.pdf

²⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/170054/peri170054_1957_10453.pdf. Acesso em: 1 set. 2021.

Os achados arqueológicos do centro de Pelotas revelaram também uma quantidade bastante interessante de frascos feitos não de vidro, mas de louça, produzidos em faiança, decorados com a técnica de *transfer printing* e datados da segunda metade do século XIX. Houve um momento específico, no final deste século até a segunda década do século XX, em que as taxações sobre o vidro aumentaram, resultando em uma opção pelo uso da louça para potes de medicamentos, em especial para pomadas (Figura 9), mas também potes com cremes dentríficos ou de barbear. Porém, achamos também frascos de louça usados para medicamentos a serem aplicados a conta-gotas (Figura 10). Aqui apresentamos alguns exemplos encontrados na Praça Cel. Pedro Osório e todos importados da Inglaterra.

Figura 9 - Pote de pomada do sítio Casa 8 - Residência Conselheiro Antunes Maciel.



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Figura 10 - Tampas de potes conta-gotas para medicamentos, do sítio Praça Coronel Pedro Osório



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Hoje o estudo destes achados está muito facilitado pela internet, e encontramos sem dificuldade informações, as quais não localizávamos à época dessas escavações, na primeira década do século atual. Tomemos como exemplo um potezinho de louça com inscrições, encontrado na lixeira da Residência Conselheiro Antunes Maciel, hoje Casa 8, atual Museu do Doce (Fig. 11). Essa lixeira, mesmo que sua escavação tenha se dado no pátio e porões desta edificação, provavelmente se trate de uma lixeira anterior à construção da casa – de sorte que na média essa lixeira encerra sua atividade com a edificação desta residência, que se deu em 1878. Portanto, é presumível que seja uma lixeira de uso comum, semelhantemente à da praça. Portanto, são descartes de famílias em geral que habitavam a região central da cidade entre cerca de 1840 e 1878 (quando a casa é construída e o terreno não mais usado como depósito de lixo de uso geral).

Figura 11 - Pote da “Pomada do Dr. Holloway” resgatado no Sítio Casa 8 – Residência Conselheiro Antunes Maciel.

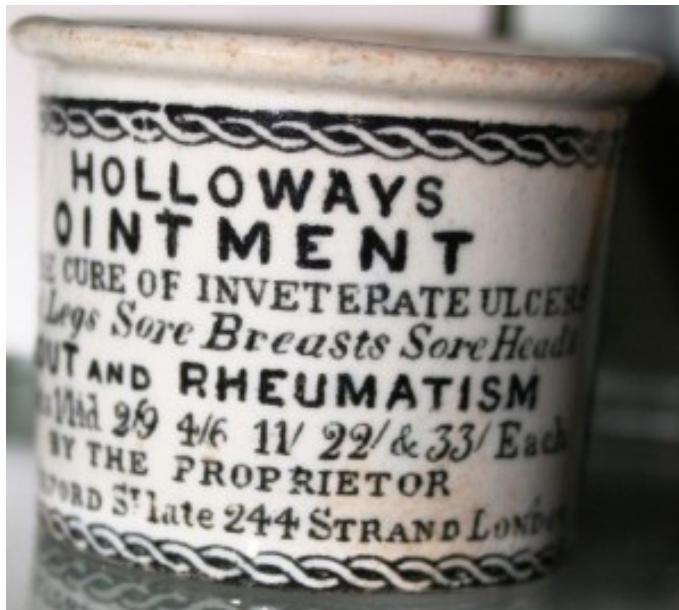


Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Esse recipiente é um pote de pomada, conhecida como *Holloways Ointment*, ou seja, “Pomada do Dr. Holloway”. Esse Dr. Holloway – “Professor” Thomas Holloway – vendeu muito bem esse medicamento, tanto que encontramos exemplares deste frasquinho em museus ou no mercado de antiguidades de países de diferentes continentes, como nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e na Austrália, além da própria Inglaterra, ao passo que em Pelotas as escavações

arqueológicas revelaram exemplares no contexto da Praça Cel. Pedro Osório e da Residência Conselheiro Antunes Maciel (Casa 8). Os exemplares museológicos nos ajudam muito a compreender os fragmentos achados em Pelotas, visto que estão integrais, como o pote idêntico do Chertsey Museum, em Londres (Fig. 12)

Figura 12 - Imagem do pote “Pomada do Dr. Holloway” da coleção do Chertsey Museum, Londres, Od.176



Fonte: https://chertseymuseum.org/search_collection?offset=20175&item=20333 Acesso em 03/11/2021

Conseguimos assim ler a totalidade do texto que consta no pote: “Holloway's Ointment. For the cure of Gout and Rheumatism, inveterate ulcers, sore breasts, sore heads, bad legs”, que ficaria “Pomada do Dr. Holloway. Para a cura da gota, do reumatismo, úlceras inveteradas, dores no peito, dores de cabeça e ‘pernas ruins’.” Trata-se de um excelente exemplo para o estágio de desenvolvimento da medicina e da farmácia da época – que para nosso olhar moderno pode parecer charlatanismo – mostrando um medicamento que teve muita aceitação e sucesso comercial – afinal, era remédio para quase tudo que se possa imaginar²⁵, conquistando credibilidade de que atendia a uma terapêutica muito variada!

²⁵ Disponível em: <https://www.antiquesboutique.com/misc/holloway-s-ointment-cure-all-medicine-pot-1880/itm36561#.YUAJr51KjdM>. Acesso em: 1 nov. 2021.

No site de antiguidades “Antiques - Boutique”, encontramos a mesma pomada comercializada em um outro tipo de pote (Fig. 13), composto de tampa e base, então à venda no *AestheticAntiques*, de Massachussets. A tampa, além do texto, indicando o nome do produto, dosagem e local de fabricação, apresenta também uma iconografia associada, que corresponderia à *trademark*, a qual está na lateral dos potes do outro tipo, e que infelizmente não está conservada nos dois exemplares encontrados em Pelotas. Assim, a fotografia publicada pelo site do mercado de antiguidades nos permite compreender porque a pomada era conhecida também como “óleo da cobra”: a marca comercial, representada por meio dessa iconografia, compõe-se de uma mulher, sentada e vestindo uma túnica de tipo grego, e uma serpente, enrolada em um pilar com uma pira incandescente, a qual bebe de uma taça segurada pela mulher; completa a cena uma criancinha seminua, tipo um *putto* ou *amorino* romano, que segura a placa em que constam alguns dados sobre a pomada. Enquanto o laboratório do “Professor” Holloway se situava na Oxford Street em Londres, o pote em si foi fabricado no condado de Staffordshire, usando para sua decoração a técnica de *transfer printing* de coloração preta, datando de cerca de 1880.

Figura 13 - Pote de Pomada Holloway's, fabricado no condado de Staffordshire, na técnica de *transfer printing* com decoração em preto. c. 1880.



Fonte: Disponível em: https://www.antiquesboutique.com/misc/holloway-s-ointment-cure-all-medicine-pot-1880/itm36561#.YXdV_Xpv_al Acesso em: 1 nov. 2021.

Note-se que a base que contém a pomada é completamente branca, sem receber qualquer decoração, assemelhando-se assim a algumas bases encontradas em Pelotas (Fig. 14). Daí pensamos na possibilidade desta base ser

usada também para a Pomada Holloway's. Mas seria uma conclusão apressada, pois existem exemplares arqueológicos, assim como de coleções musealizadas e de antiguidades, que exemplificam o uso da mesma base para pastas dentríficias e para cremes de barbear (Fig. 15). Daí concluímos que uma mesma fabricante de faiança pode produzir potes que tenham a mesma forma mas usos variados. A aplicação de decoração em *transfer printing*, com texto e logotipia, vai diferenciar estes produtos, se uma pomada ou um creme dental ou de barbear.

Figura 14 - Base de pote em faiança fina, branca, para algum creme de uso na saúde ou higiene - Sítio Residência Conselheiro Antunes Maciel (lixeira)



Fonte: Acervo LEPAARQ/UFPel.

Figura 15 - Fragmentos de tampas de potes para creme de barbear francês, encontrado no Sítio Casa Riachuelo – RS.JA-17



Fonte: Baretta, 2009.

Como exposto acima, o registro arqueológico guarda vestígios da cultura material da saúde não somente por meio de potes e frascos de medicamentos, mas também por meio de objetos ligados aos cuidados de si, para a higiene e beleza. Trazemos aqui alguns exemplos da Praça Cel. Pedro Osório e da Casa 8: em vidro, o frasco de perfume (Ver Figura 1) da Praça Cel. Pedro Osório, e, de faiança, um fragmento de uma escarradeira (Fig. 17), da mesma praça, e um urinol razoavelmente bem conservado (Fig. 18), da Casa 8.

Figura 16: Fragmento de escarradeira. Sítio Praça Cel. Pedro Osório.



Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPel.

Figura 17: Urinol em faiança fina com decoração pintada à mão com motivo floral - Sítio Casa 8.



Fonte: Acervo do LEPAARQ/UFPel.

Por sorte, o fragmento exumado de escarradeira, por menor que seja, conserva um pedaço inconfundível, que se repete em várias escarradeiras: o elemento felino, que podemos verificar aqui em uma escarradeira disponível no mercado de antiguidades do Rio de Janeiro em 2015 (Ver Fig. 2), decorada com flores, com três pés com garras felinas e cabeças de leão – as bocas de leão formam três aberturas laterais, úteis para a limpeza do interior da peça.

Em princípio, não localizamos muitos vestígios de escarradeiras nas escavações realizadas em Pelotas, mas é possível que não tenhamos identificado os fragmentos, quando em branco e não pertencentes às partes mais características (pés e cabeças de leão e curvatura da parte superior).

Tânia Andrade de Lima (1996) analisa com propriedade o quanto o uso das escarradeiras, assim como dos rapés, diz de uma permanência da medicina humoral hipocrática e galênica, materializada em sua adaptação aos usos e cultura material do século XIX, revelando ainda o quanto havia todo um protocolo de etiqueta social, sendo “chique” a demonstração e mesmo encenação em público, cheia de maneirismos, destes gestos do escarrar e do espirrar.

O urinol é pintado à mão no estilo floral, produzido entre anos 1840 e 1880, em uma época em que os lares ainda não dispunham de banheiros, de modo que estava presente nos lares, normalmente nos quartos, fazendo parte de um conjunto de três peças: além do urinol, o jarro e a bacia, para lavar o rosto com água fresca pela manhã. Famílias de poder aquisitivo mais elevado poderiam possuir, entre seu mobiliário, o retrete (Fig. 19), que possibilitava fazer uso do penico de modo mais confortável.

Figura 19 - Retrete, com urinol no seu interior. Segundo Império, Acervo Museu Imperial, Petrópolis.



Fonte: Lima, Tânia Andrade de. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. 1996

2. Sítios arqueológicos hospitalares



combinação de testemunhos imóveis e móveis pode ser vista em dois sítios arqueológicos escavados no Rio Grande do Sul, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e a Enfermaria Militar de Jangurão. Estes dois sítios, a princípio, são os dois únicos exemplares do que poderíamos classificar como sítio arqueológico hospitalar até então escavados no país.

2.1. Santa Casa de Misericórdia

A quadra onde está localizada a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi objeto de estudos arqueológicos entre 2005 e 2006, realizados em consequência das obras destinadas à instalação do Centro Histórico-Cultural daquela instituição. O projeto foi coordenado pelo arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira com colaboração do arqueólogo João Felipe Garcia da Costa. As escavações foram realizadas junto às edificações localizadas na Avenida Independência, no Centro Histórico de Porto Alegre.

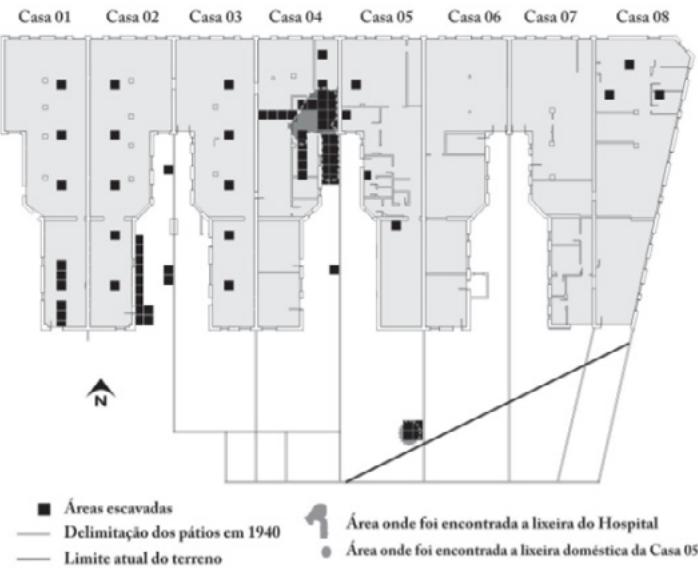
O trabalho teve como objetivo o salvamento de possíveis recursos arqueológicos impactados pela obra de engenharia que está revitalizando os prédios. Isso ocorreu devido ao grande potencial arqueológico que possui todo o Centro Histórico da cidade e, em especial, a quadra onde está localizada a Santa Casa. A potencialidade da área está principalmente relacionada à possibilidade de existência de vestígios da fortificação que limitava a cidade no Período Farroupilha e também pela existência de um cemitério (OLIVEIRA, 2009).

Este trabalho é considerado, até então, a primeira escavação de um contexto hospitalar, a partir da qual várias pesquisas foram realizadas e muitas informações sobre as práticas médicas do século XIX em Porto Alegre foram coletadas. A escavação ocorreu nas áreas internas e externas de oito edificações geminadas, de um pavimento e com porão alto, construídas no início do século XX (Fig. 20). As oito casas *são as últimas remanescentes dos prédios de aluguel construídos no quarteirão do Hospital e que serviam de fonte de rendimentos para a instituição* (OLIVEIRA, 2009).

O trabalho teve como resultado a exumação de uma grande quantidade de objetos e da caracterização de uma “lixeira hospitalar”. Segundo Oliveira, a análise desse material poderá contribuir com inúmeras informações, tais como:

o cotidiano do Hospital, a alimentação dos pacientes, os remédios utilizados e as práticas médicas, a comparação disso com o ensino de medicina que estava iniciando na cidade, o comércio dos produtos farmacêuticos, entre outros tantos olhares que este material recuperado provoca (2009, p. 52).

Figura 20 - Croqui da área com localização das quadrículas escavadas.



Fonte: Oliveira *et al.*, 2009, p. 51

Na escavação foi coletada uma grande quantidade de materiais arqueológicos, sendo boa parte de vidros (Fig. 21).

Figura 21 - Conjunto de vidros coletados nas escavações da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.



Fonte: Oliveira *et al.*, 2009

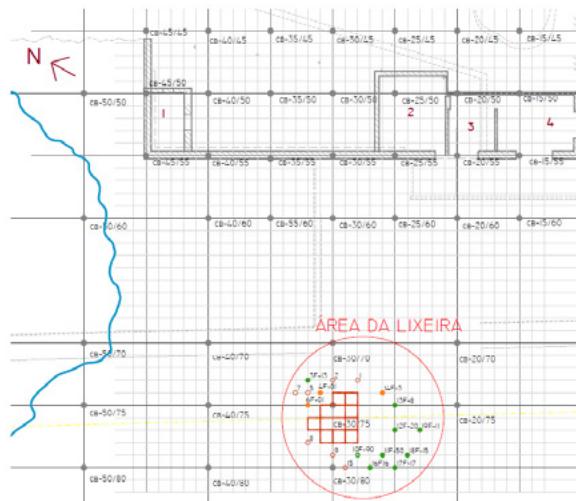
2.2. Enfermaria Militar de Jaguarão

A Enfermaria Militar foi construída no local denominado “Cerro da Pólvora” em 1880. Tinha como finalidade atender oficiais e praças do exército local e da região (FRANCO, 2001). No entanto, as informações orais atestam que pelo menos nos últimos anos de funcionamento a Enfermaria atendia à população em geral, principalmente a de baixa renda. No momento de sua construção o prédio ficava distante do núcleo urbano localizado próximo ao rio Jaguarão. Sua localização provavelmente foi pensada para diminuir os riscos de contágio de doenças ao mesmo tempo em que oferecia um ambiente arejado e tranquilo (CERQUEIRA; PEIXOTO; ZORZI, 2013).

O salvamento arqueológico na Enfermaria Militar de Jaguarão foi a primeira etapa do projeto de implantação do Centro de Interpretação do Pampa, que previa o restauro das ruínas da Enfermaria Militar e a criação de equipamentos culturais com financiamento do Programa Brasil Patrimônio Cultural (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2011).

Um dos resultados da etapa de pesquisa arqueológica e “salvamento” da cultura material foi a identificação de uma grande concentração de materiais caracterizada como “lixeira”. Esta caracterização foi feita a partir da análise estratigráfica que evidencia o padrão de descarte. Esta lixeira ocupa uma área de aproximadamente 40 m² e está localizada no limite sul (atual Rua Maurity) do terreno, sendo que destes apenas 12m² foram escavados (Fig. 22) (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2011).

Figura 22 - Croqui de localização da área da lixeira.



Fonte: Peixoto; Cerqueira, 2011.

Apesar de a lixeira estar diretamente relacionada à Enfermaria Militar, a totalidade dos achados não se resume à categoria hospitalar, uma vez que no prédio eram desenvolvidas diversas atividades relacionadas aos cuidados com os enfermos, como preparação e distribuição de refeições e produção de medicamentos. Além disso, em diferentes momentos o prédio foi usado como escola, residência de militares, além de informações orais indicarem o funcionamento de uma prisão durante o período da ditadura. Sendo assim, a lixeira é representativa de uma variedade de atividades, a maioria delas representada na cultura material (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2011).

No conjunto material da Enfermaria podemos encontrar vestígios que nos remetem aos cuidados específicos com a saúde, à produção de medicamentos manipulados, assim como à presença de cachimbos e louças, que nos reportam a hábitos da vida diária, e mesmo materiais de escritórios, relativos à administração do local.

Figura 23 - Tampa de frasco conta-gotas.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 24 - Frasco de remédio injetável.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 25 - Ampola de remédio com inscrição.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 26 - Cálice graduado com inscrição.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 27 - Fragmento de vidro com inscrição – “Militar” - indicando procedência.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 28 - Tinteiro de vidro.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 28 - Prato em faiança fina com selo do fabricante.



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

Figura 29 - Fornilho de cachimbo de cerâmica com decoração plástica; fornilho de caolim com representação iconográfica (águia?).



Fonte: Acervo Enfermaria Militar de Jaguarão. LEPAARQ/UFPel.

3. Conclusão

conjunto de evidências analisadas aponta a relevância dos estudos do que chamamos aqui “arqueologia da saúde”, área que tem muito a avançar em nosso país, quer no estudo das estruturas de lixeiras, quer da cultura material associada, cuja investigação se beneficia de uma quantidade razoável de exemplares análogos – de recipientes de medicamentos em vidro ou faiança – presentes em coleções musealizadas e no mercado de antiguidades.

Gostaríamos de ressaltar alguns aspectos. A pesquisa arqueológica feita em Pelotas e em outras regiões do país, e mesmo em outros países da América Latina e Caribe, aponta a importância da indústria farmacêutica sediada em Pelotas entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX (incluindo-se aqui a produção de remédios destinados à medicina veterinária). A análise da cultura material presente nas lixeiras domésticas e hospitalares indica um significativo grau de globalização do mercado de medicamentos, capitaneado em vários casos pela Inglaterra, ao passo que a França, em um mercado igualmente globalizado, lidera a produção de produtos destinados aos cuidados de si, nomeadamente perfumes e cremes de barbear.

Ao mesmo tempo, o estudo das lixeiras – hospitalares e domésticas – pode contribuir para a compreensão de como evoluiu o sistema de descarte de frascos de medicamentos e de produtos químicos tóxicos, ao passo que as evidências da cultura material agregam para a compreensão da transformação por que passou a medicina na virada de século e primeiras décadas do século XX. Pesquisar, conservar e divulgar esses materiais trata-se assim de um desafio significativo do ponto de vista da gestão do patrimônio arqueológico.

4. Referências

- Baretta, J. (2009). Beleza, vaidade e estética por meio da cultura material na Porto Alegre oitocentista. *Métis: história & cultura*, 8(16), 157-185, jul./dez.
- Cerqueira, F. V., Peixoto, L. da S., & Zorzi, M. (2013). Arqueologia em campo: usos e significados atribuídos à antiga Enfermaria Militar de Jaguarão - RS. In F. F. Michelon, C. de S. M. Júnior, & A. M. S. (Orgs) González (Eds.), *Políticas públicas do patrimônio cultural: ensaios, trajetórias e contextos* (1a, pp. 246–264). Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel. Retrieved from <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6444>
- Gheno, D. A. (2011). Arqueologia histórica no Vale do Taquari/RS: análise dos recipientes de vidro da casa comercial de Arnaldo Fensterseifer – Roca Sales/RS, 0–115.
- Gheno, D. A., dos Santos, P. D., & Machado, N. T. G. (2016). Vestígios do cotidiano: remédios e coleções arqueológicas. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 10(2), 132–156. Retrieved from <https://doi.org/10.31239/vtg.v10i2.10560>
- Oliveira, A. T. D. de. (2009). A Pesquisa Arqueológica para Implantação do Centro Histórico-Cultural da Santa Casa. In *Centro Histórico-Cultural Santa*

Casa (Ed.), Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: Histórias Reveladas. Porto Alegre: Ed. da ISCMPA.

Oliveira, A. T. D. de, Tochetto, F. B., Barroso, V. L. M., & Company, Z. T. (2009). A arqueologia vai ao Hospital: Pesquisa Arqueológica para a implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense; ISCMPA.

Peixoto, L. da S., & Cerqueira, F. V. (2011). Salvamento Arqueológico para a Enfermaria Militar de Jaguarão. (Instituto de Memória e Partimônio, Ed.). Pelotas: Processo IPHAN No 01512.003063/2009-57.

Veras, N. L. de O. (2014). Práticas de saúde e modernidade na cidade de Parnaíba , Piauí (1850 a 1930): um estudo arqueológico. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.